

INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MÉDIO/BAIXO VALE DO RIBEIRA DE IGUAPE, SÃO PAULO

*Erika Marion Robrahn-González**
*Paulo De Blasis**

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.; DE BLASIS, P. Investigações arqueológicas no médio/baixo vale do Ribeira de Iguape, São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 57-69, 1998.

RESUMO: Desde 1981, o médio/alto vale do Ribeira de Iguape, situado no extremo sudoeste do Estado de São Paulo, vem sendo objeto de pesquisas arqueológicas sistemáticas. Levantamentos realizados em uma área-piloto do médio vale e áreas específicas do alto vale resultaram na identificação de aproximadamente 300 sítios, relacionados ao menos a três ocupações pré-coloniais distintas que ali se desenvolveram. Todas elas remetem a contextos culturais externos, sendo resultado do deslocamento de grupos humanos vindos do litoral ou do planalto. O avanço das discussões está, assim, diretamente relacionado a enfoques extra-regionais, onde a investigação das áreas limítrofes com o planalto e com o litoral reúne grande potencial informativo, principalmente no que diz respeito às discussões sobre contatos culturais e delimitação de territórios de assentamento. Diante deste contexto, foram realizadas prospecções em área próxima ao limite com a Baixada Litorânea, levando à identificação de mais 13 sítios. Os resultados deste trabalho são apresentados no presente artigo, incluindo uma análise dos dados dentro da problemática definida para o vale do Ribeira como um todo.

UNITERMOS: São Paulo – Ribeira de Iguape – Agricultores pré-coloniais – Caçadores e coletores – Cerâmica – Lítico – Tradição Itararé – Tradição Umbu.

A riqueza arqueológica do interior do vale do Ribeira de Iguape desperta interesse já há algum tempo. Desde o início do século viajantes e naturalistas descreviam a diversidade e abundância de seus vestígios tanto em sítios a céu aberto como em abrigo, considerando o grande número de cavernas, abismos e paredões que se espalham por vários de seus afluentes (Krug 1908; Krone 1914, 1950). Gru-

pos de espeleologia foram também responsáveis pela identificação de sítios, tendo inclusive escavado alguns deles (Collet 1985, 1986; Collet & Loebl 1988; Collet & Prous 1977, entre outros).

Pesquisas sistemáticas tiveram início em 1981, com prospecções em uma porção do médio vale e escavação de um abismo que reunia vestígios arqueológicos e paleontológicos (Barros Barreto *et alii* 1982). A partir de então foi elaborado um projeto de pesquisa, cujo objetivo maior era reconhecer e caracterizar as diferentes ocupações humanas que ali se desenvolveram.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Este projeto estava fortemente embasado nas características físicas apresentadas pelo vale do Ribeira: constituindo uma extensa zona de transição ecológica, ele vem integrar as regiões planálticas à planície litorânea, permitindo certa fluidez no contato de suas variáveis ambientais. Dentro disto, o vale do Ribeira seria a região ideal para ocorrência de vestígios arqueológicos culturalmente diversificados (com sítios apresentando estratigrafia complexa em virtude de sua situação ambiental intermediária), além de constituir área preferencial de contatos culturais, principalmente em termos adaptativos. Assim, o vale poderia servir de refúgio e/ou constituir uma região periférica para as ocupações que se desenvolveram em suas circunvizinhanças – o que as investigações, de fato, vieram confirmar.

Uma primeira fase da pesquisa, realizada entre 1982/88, objetivou desenvolver levantamentos sistemáticos em uma área-piloto localizada no médio vale, de 1.550km² e englobando os afluentes Betari, Palmital e Turvo (Fig. 1). Depois disto, as pesquisas continuaram a ser desenvolvidas tanto no médio curso como em porções específicas do alto vale, tendo-se hoje por volta de 300 sítios identificados.

Os dados disponíveis permitem identificar ao menos três sistemas de assentamento, com características bastante específicas no que diz respeito à cultura material, morfologia, densidade e distribuição dos sítios no espaço. Remetem, ainda, a contextos arqueológicos regionais notadamente diversos, correspondendo a três ocupações indígenas que ali se processaram.

A primeira delas diz respeito a grupos coletores, pescadores e caçadores relacionados aos sítios concheiros do sul do Brasil (Barros Barreto 1988; De Blasis 1994). As poucas datações disponíveis indicam momentos cronológicos bastante distantes: 1.640 e 1770 BP para os sítios Lageado IV e Gurutuba IV;¹ e 10.000 anos BP para os sítios Maximiano e Capelinha (Collet & Loebel 1988: 232). Esta última data deve, entretanto, ser tomada com cautela, uma vez que foi obtida a partir de material conchífero, que pode induzir a sérios erros no método radiocarbônico. De qualquer forma, a presença de sítios concheiros no interior do Ribeira estaria associada à ocupação dos sam-

baquis da costa, podendo estar relacionada a um fenômeno de deslocamento progressivo das populações litorâneas em direção ao planalto, ou simplesmente à exploração de gradientes ambientais mais diversificados (Barros Barreto 1988).

A segunda ocupação diz respeito a grupos caçadores-coletores cuja indústria lítica pode ser associada à tradição Umbu do sul do país, representando sua manifestação mais setentrional (De Blasis 1988). As datações radiocarbônicas vão de 1.250 BP (Blasis 1996: 25) a 1.060 BP,² sugerindo uma ocupação tardia em relação ao planalto. Sua presença no Ribeira pode estar associada a um processo maior de movimentação de grupos do planalto, em virtude de uma ocupação mais intensiva de grupos ceramistas. Os caçadores-coletores parecem ter-se então refugiado nas porções mais altas do platô e menos atrativas para a agricultura, na periferia dos grandes vales e nas áreas marginais, situações que se adequam bastante bem às características do vale do Ribeira (De Blasis 1996).

Por fim, a terceira ocupação diz respeito a grupos ceramistas horticultores, com uma indústria relacionável à tradição Itararé, também proveniente do planalto (Robrahn 1989; Robrahn González 1997). As datações disponíveis são de 920, 595 e 270 BP,³ constituindo os vestígios de ocupação indígena mais recentes do vale. É possível que estes ceramistas tenham coexistido com os caçadores-coletores por determinado período e em áreas específicas, uma vez que estes últimos têm seus sítios concentrados justamente nas porções mais montanhosas do vale, que serão ocupadas pelos ceramistas apenas em um segundo momento. Também a ocupação do Ribeira por grupos ceramistas teria derivado de uma situação de conflitos e pressões ocorridas no planalto, quando por volta do ano 1.000 BP grupos portadores de cerâmicas regionais teriam sido empurrados por agricultores Tupiguarani para o litoral, para o sul do país ou para as áreas periféricas, onde se inclui o Ribeira de Iguape (Robrahn 1997).

É possível que o médio Ribeira tenha abrigado ainda outras duas ocupações indígenas: uma referente a caçadores-coletores antigos, associados à paleo-fauna e que, portanto, corresponderia a uma primeira ocupação do vale (Barros Barreto 1982);

(1) C14, Beta Analytic Inc., 1997.

(2) C 14, Beta Analytic Inc., 1997.

(3) C14, Beta Analytic Inc., 1997.

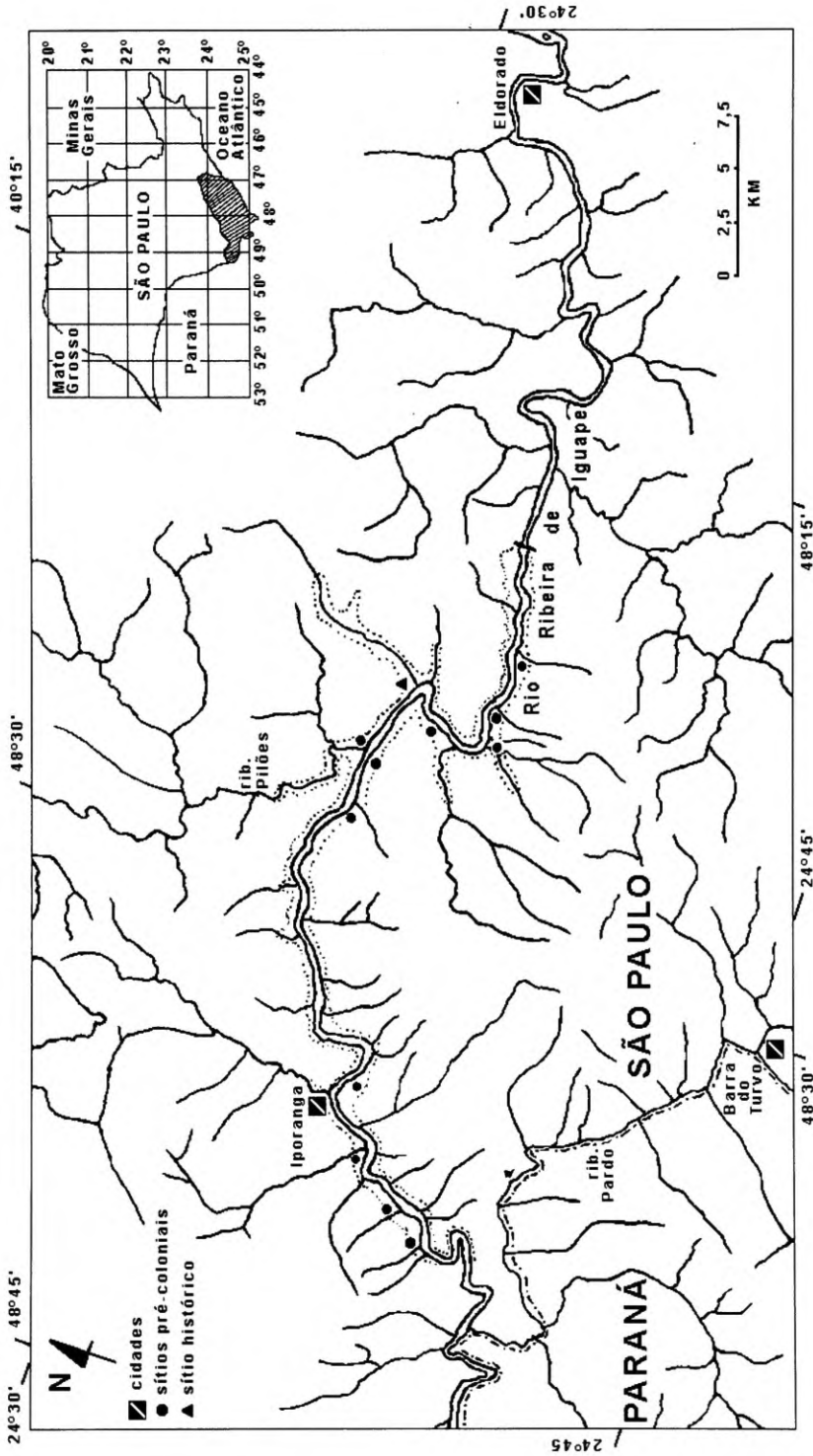


Fig. 1 – Bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape com a localização dos sítios arqueológicos.

e outra referente a grupos Tupi da costa que, conforme fontes históricas, teriam utilizado o médio/alto Ribeira apenas como via de penetração para o planalto, correspondendo à sua ocupação mais recente (Robrahn 1997). Em ambos os casos as informações disponíveis são, todavia, muito restritas.

A partir deste breve quadro das ocupações pré-coloniais do vale do Ribeira é possível concluir que o avanço das discussões está diretamente relacionado a enfoques extra-regionais. Neste sentido, as áreas limítrofes com o planalto e com o litoral reúnem grande potencial informativo, principalmente no que diz respeito às discussões sobre contatos culturais e delimitação de territórios de assentamento.

Dentro de todo este contexto, o presente artigo visa apresentar dados inéditos obtidos durante o ano de 1993, quando foram feitas prospeções extensivas nas margens do Ribeira de Iguape no trecho projetado para a implantação da UHE Batatal, próxima ao limite com a Baixada Litorânea (Figura 1). O final do artigo apresenta uma análise dos dados dentro da problemática definida para o vale do Ribeira como um todo.

A área pesquisada

O Ribeira de Iguape pode ser geomorfologicamente dividido em baixo, médio e alto vale. O **baixo vale** apresenta características voltadas ao ambiente litorâneo, tendo como limite a cidade de Eldorado; o **alto vale**, características voltadas à região do planalto, tendo como limite a cidade de Ribeira; e o **médio vale**, características reunidas das variáveis litorâneas e das variáveis planálticas, sendo um misto de ambas (Fig. 1).

A área objeto do presente estudo se localiza na região definida como **médio Ribeira** e, por se encontrar próxima de Eldorado, permite uma melhor análise de como se dá a transição entre o baixo e o médio vale, tanto física quanto culturalmente.

Foi possível notar, de fato, algumas variações de relevo: quanto mais próximo a Eldorado, mais extensas as áreas de fundo de vale e amplos terraços à margem do Ribeira, principalmente na barra de seus afluentes maiores (como o Pilões, Ivaporunduva, Anhangara e André Lopes).

Da barra do Pilões a montante o relevo começa a se tornar mais íngreme, com terraços fluviais logo cercados pelas encostas dos morros. Daí até

o limite a montante da área pesquisada, são cada vez mais exíguos os terrenos aplainados próximos ao Ribeira. As plantações extensivas dão lugar a pequenas roças, ou somente a áreas de mata ou capoeira. Frequentemente o Ribeira corre encaixado entre encostas de montanha e a própria ocupação humana se torna mais rala.

Embora estas variações possam ser observadas na área, é um pouco mais abaixo, no eixo formado pelos afluentes Batatal e Pedro Cubas, que efetivamente se dá o limite entre o médio e o baixo Ribeira. Neste ponto tem início a abertura da planície litorânea do vale, que se estende aproximadamente 80Km até o litoral, com uma largura equivalente. Aqui, o Ribeira divaga lentamente pela planície sedimentar, apresentando inúmeros meandros, como típico rio de planície. Como veremos adiante, é possível que este corresponda também ao limite de ocorrência de certas classes de sítios arqueológicos, merecendo, portanto, a atenção de futuras investigações.

Os sítios arqueológicos

Os trabalhos de prospeção extensiva ao longo da área levaram à identificação de 13 sítios arqueológicos, distribuídos por toda sua extensão (Fig. 1).

Os sítios são a céu aberto. Não formam, entretanto, um todo homogêneo, podendo ser divididos em ao menos 2 classes: sítios líticos e sítios cerâmicos. Os sítios líticos apresentam vestígios de uma indústria de pedra lascada e, mais raramente, também polida. Os sítios cerâmicos são caracterizados pela presença de fragmentos de vasilhames cerâmicos, além de uma pequena quantidade de vestígios líticos, como mostra o Quadro 1.

Sítios líticos

Dos 13 sítios identificados, apenas 2 pertencem à classe de sítios líticos: André Lopes e Iporanga.

Ambos estão implantados em terraços fluviais antigos, localizados em aberturas de vale relativamente amplas às margens do Ribeira.

O sítio Iporanga se encontra dentro do perímetro urbano da cidade de mesmo nome. Apresenta grande quantidade de material aflorando em superfície, embora esteja atualmente sob uma casa e tenha sido cortado para a abertura de duas ruas.

QUADRO 1

Sítios arqueológicos e materiais associados			
Sítio	Sigla	Mat. Lítico	Mat. Cerâmico
André Lopes	AL	12	
Anhangara	Ag	12	45
Barra do Betari	Be	8	7
Castelhanos	Cs	1	55
Descalvado	De		11
Iporanga	Ip	180	
Ivaporunduva	Iv	6	9
Ostras	Os	2	18
Parado	Pr	1	14
Pilões	Pl	1	12
Pinheirinho	Pi	91	69
Sapatu	Sp	11	66
Taquaruirá	Tq	2	16

Quanto a André Lopes, a abertura de uma estrada cortou parte de sua área periférica, mas tem-se ainda porções bastante bem conservadas.

Segundo os padrões observados para os sítios líticos do vale do Ribeira (De Blasis 1996), Iporanga e André Lopes podem ser classificados como “densos”: no primeiro deles uma coleta parcial do sítio forneceu 180 peças. Já em André Lopes foi possível verificar somente uma porção muito reduzida do sítio, devido à cobertura vegetal, fornecendo 12 peças; entretanto, moradores locais repetidamente informam de grande quantidade de lítico lascado por toda a colina, referindo-se inclusive ao sítio enquanto “oficina” de lascamento.

As coleções de material obtidas nos dois sítios são bastante semelhantes entre si, remetendo a um mesmo padrão tecno-tipológico de confecção de instrumentos. Trata-se de uma indústria sobre lascas, onde a principal matéria prima utilizada é o sílex, seguida pelo quartzo e quartzito, ocorrendo ainda em menor número o calcário e o filito. Pequenas lascas de acabamento e micro-lascas indicam o emprego da técnica de debitagem por pressão, resultando em artefatos morfológicamente bastante bem definidos, como pontas projéteis (Fig. 2a) e diferentes tipos de instrumentos plano-convexos (ou “raspadores” – Fig. 3a).

O material também dá mostras de intenso reaproveitamento de instrumentos e sub-produtos do lascamento, na forma de constantes reavivagens de artefatos e reciclagem de peças. Exemplo típico é dado por um artefato polido encontrado no sítio

Iporanga (Fig. 3b), reciclado como artefato lascado na forma de “raspador”.

Nota-se, entretanto, que isto ocorre predominantemente nas peças em sílex, quartzo e quartzito, cujos artefatos e demais produtos de lascamento adquirem sempre pequenas proporções. Vale dizer que o sílex, principal matéria prima da indústria, está disponível apenas em determinados pontos do vale do Ribeira, impondo maior dificuldade para sua aquisição e distribuição. Já em calcário foram encontradas várias peças volumosas, incluindo 3 artefatos grandes, permitindo supor ou a preferência em utilizar matérias primas mais facilmente disponíveis na confecção de artefatos grandes, ou a não preocupação em reciclar estes artefatos, reduzindo-os a produtos finais menores (como é o caso do sílex).

Foram ainda encontradas outras 3 peças aparentemente polidas no sítio Iporanga.

Sítios cerâmicos

Dos 11 sítios identificados, 7 se encontram sobre terraço junto à barranca do Ribeira e 4 no topo de suaves elevações de fundo de vale, áreas geralmente também aproveitadas pela ocupação atual. Com isto, muitos sítios se encontram sob benfeitorias estando, portanto, já bastante alterados. Exemplos típicos nos dão o sítio Sapatu, localizado sob uma igreja, e o sítio Ivaporunduva, que está sob as construções da vila de mesmo nome.

Já os sítios localizados em área de plantio estão melhor conservados, como é o caso de Pinheirinho, onde foi possível realizar boas observações e coleta de material.

Mesmo que o estado de conservação dos sítios varie em superfície, a quantidade de material coletado deve corresponder, na maioria dos casos, à densidade de vestígios que originalmente apresentavam. Isto foi constatado através de dezenas de sondagens realizadas em sítios análogos de vales contíguos a montante, como o Turvo e o Palmital (Robrahn 1989). Variações de densidade de material representam, assim, a primeira indicação de variações entre os sítios. Como mostrou o Quadro 1, as coleções de fragmentos cerâmicos variam de 7 a 59 peças. É certo que a visibilidade arqueológica oferecida pelos diferentes locais, bem como o acesso a uma maior ou menor parte do sítio, devem ter afetado a obtenção das amostras. Entretanto, as coleções devem também refletir diferenças entre

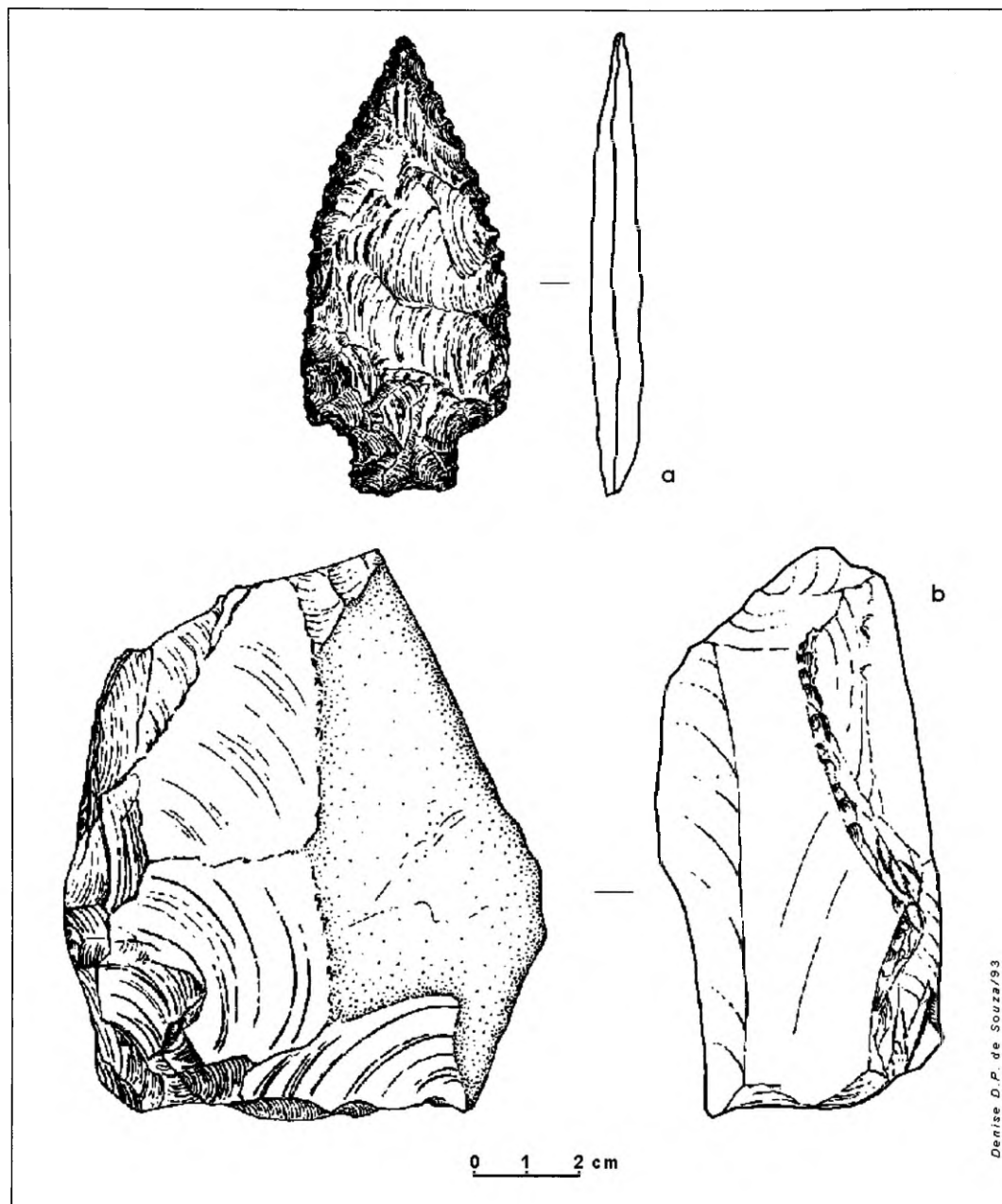


Fig. 2 – a) Ponta projétil em sílex, sítio André Lopes; b) Raspador volumoso em rocha básica, sítio Carniça.

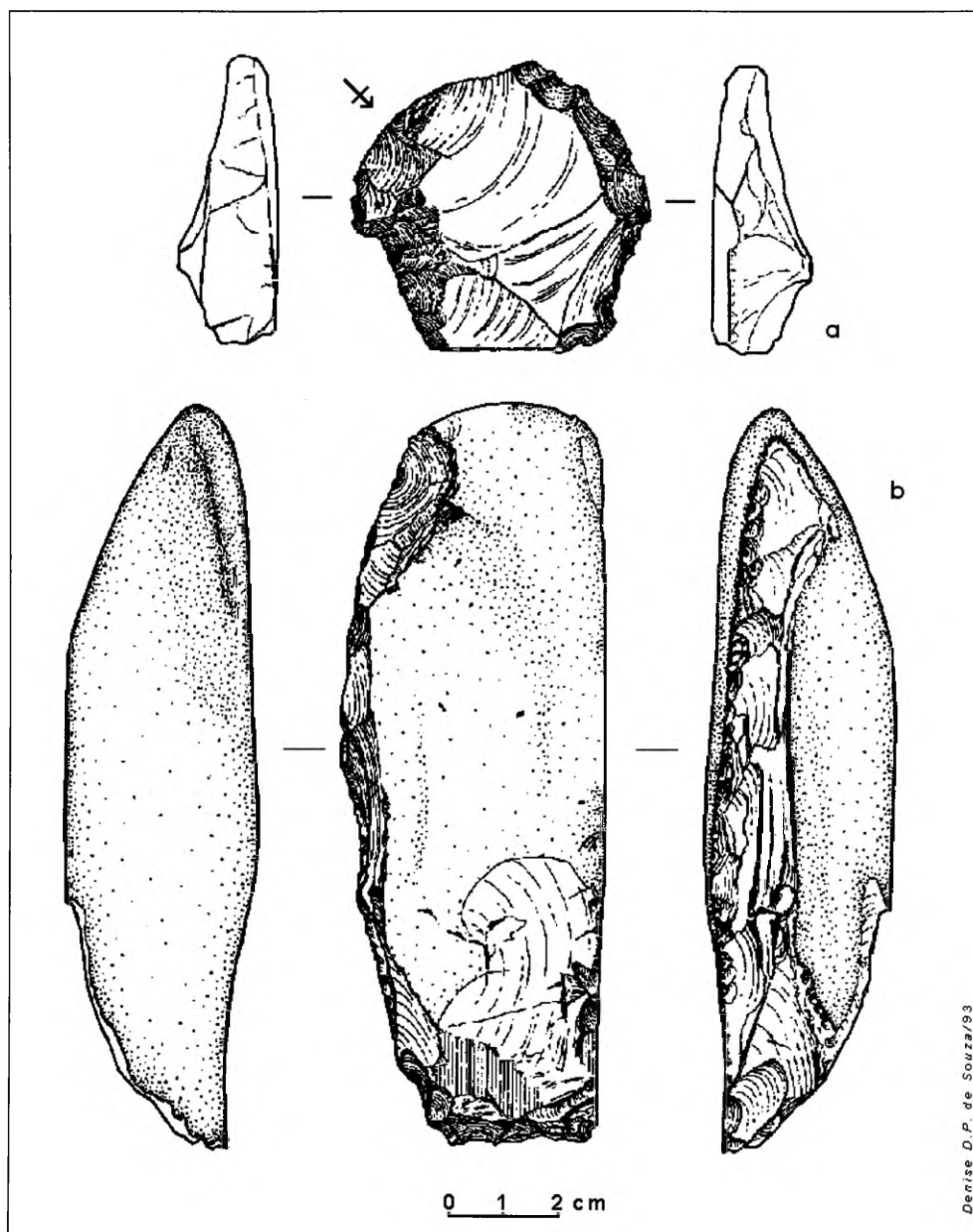


Fig. 3 – a) Raspador em sílex, sítio Iporanga; b) Artefato polido reciclado sobre seixo de calcário, sítio Iporanga. Observam-se os restos da superfície polida.

as unidades, cujo significado só pode ser entendido a partir da identificação e análise da estrutura e funcionamento do(s) sistema(s) de assentamento a que pertencem.

Outra evidência de variação é dada pelo sítio Pinheirinho. Como já dito anteriormente, os sítios cerâmicos se caracterizam pela presença de uma indústria cerâmica, a que por vezes se associa, e sempre em quantidades reduzidas, uma indústria lítica lascada. Mesmo os estudos sistemáticos desenvolvidos nos vales a montante (Robrahn 1989) encontraram certa dificuldade em identificar esta indústria, tecno-tipologicamente bastante simples e que, por vezes, se resume a peças brutas sem indícios de lascamento, mas somente com sinais de utilização. Já o sítio Pinheirinho apresentou material lítico abundante e variado: desde núcleos, lascas iniciais, suportes de artefatos, lascas de acabamento, detritos, até os artefatos em si, dentro de um completo ciclo de lascamento. Isto permite inferir a existência de assentamentos específicos, onde a atividade de lascamento se dava de forma mais intensa e completa.

As coleções líticas indicam uma indústria rudimentar, de grandes proporções, sem indícios de preocupação em obter suportes específicos para os artefatos, que se resumem a seixos, detritos e fragmentos de bloco com duas ou três retiradas apenas para dar forma ao gume (Fig. 4b). Das 91 peças coletadas no sítio Pinheirinho, somente 5 são artefatos, havendo entretanto várias apenas com sinais de utilização. As matérias primas empregadas, por ordem de preferência, são o quartzo, o quartzito e o sílex.

Quanto ao material polido, foram em Pinheirinho obtidas 3 peças, todas lâminas de machado (Fig. 4a), além de uma peça polida reciclada enquanto artefato lascado, no sítio Iporanga (Fig. 3b).

A cerâmica tem características que remetem, sem dúvida, à indústria presente nos demais sítios trabalhados nos vales contíguos a montante (Turvo, Palmital, Betari e adjacentes). São vasilhames de pouca espessura (com paredes geralmente entre os 0,3 - 0,5cm), antiplástico mineral, queima incompleta a completa (predominando a primeira), técnica de manufatura por roletes (ou ainda por modelagem nos vasilhames pequenos) e alisamento da superfície interna e externa, que em alguns casos apresenta lustro ou brunidura. As bases são convexas, côncavas ou levemente aplainadas. As 7 formas reconstituídas (Fig. 5) apresentam contornos

simples em forma semi-esférica, esférica, meia elipse, cilíndrica e oval.

Esta cerâmica apresenta, por outro lado, uma série de características inéditas para o vale do Ribeira, a saber:

- peças com engobo vermelho (sítio Sapatu e Pinheirinho);
- peças com decoração plástica variada: unglado (sítio Anhangara – Fig. 6a); incisões paralelas (Anhangara – Fig. 6b); incisões circulares (Pilões – Fig. 6c); incisões paralelas em direções alternadas (Ivaporunduva – Fig. 6d); mamilonar (Sapatu, Fig. 6e); e incisões alternadas (Anhangara – Fig. 5b e c);
- uma peça com antiplástico de caco moído, apresentando vestígios de possível alça (sítio Anhangara);
- um ombro, indicando presença de formas com contorno complexo (Fig. 6a).

Além dos sítios arqueológicos existentes na área, devemos mencionar ao menos o sítio histórico mais evidente que ela possui – Ivaporunduva. Nele se desenvolveu um quilombo de escravos que edificaram, entre outros, a Capela Nossa Senhora do Rosário. Existem informações de outras obras feitas pelos escravos, como uma série de valos (ou canais) distribuídos em diferentes pontos da área, que deverão ser contemplados em pesquisas futuras.

Primeiras análises sobre a ocupação pré-colonial da área de pesquisa

Duas classes de sítio foram identificadas na área: líticos e cerâmicos. Embora tenham ocorrido muito mais sítios cerâmicos (11) do que líticos (apenas 2), não é possível desenvolver análises sobre sua densidade/representatividade na área, uma vez que isto pode estar ligado a diferentes condições de visibilidade arqueológica e acesso durante os trabalhos.

Com efeito, os 2 sítios líticos correspondem, dentro da estrutura de assentamento observada nos vales contíguos a montante (Betari, Palmital e Gurutuba), à categoria de “sítios densos”, ou seja, sítios que apresentam uma maior quantidade e diversidade de vestígios em relação aos demais. Sem dúvida, são os locais de melhor visibilidade e identificação arqueológica e, portanto, geralmente indicados pelos atuais moradores do vale. Uma vez

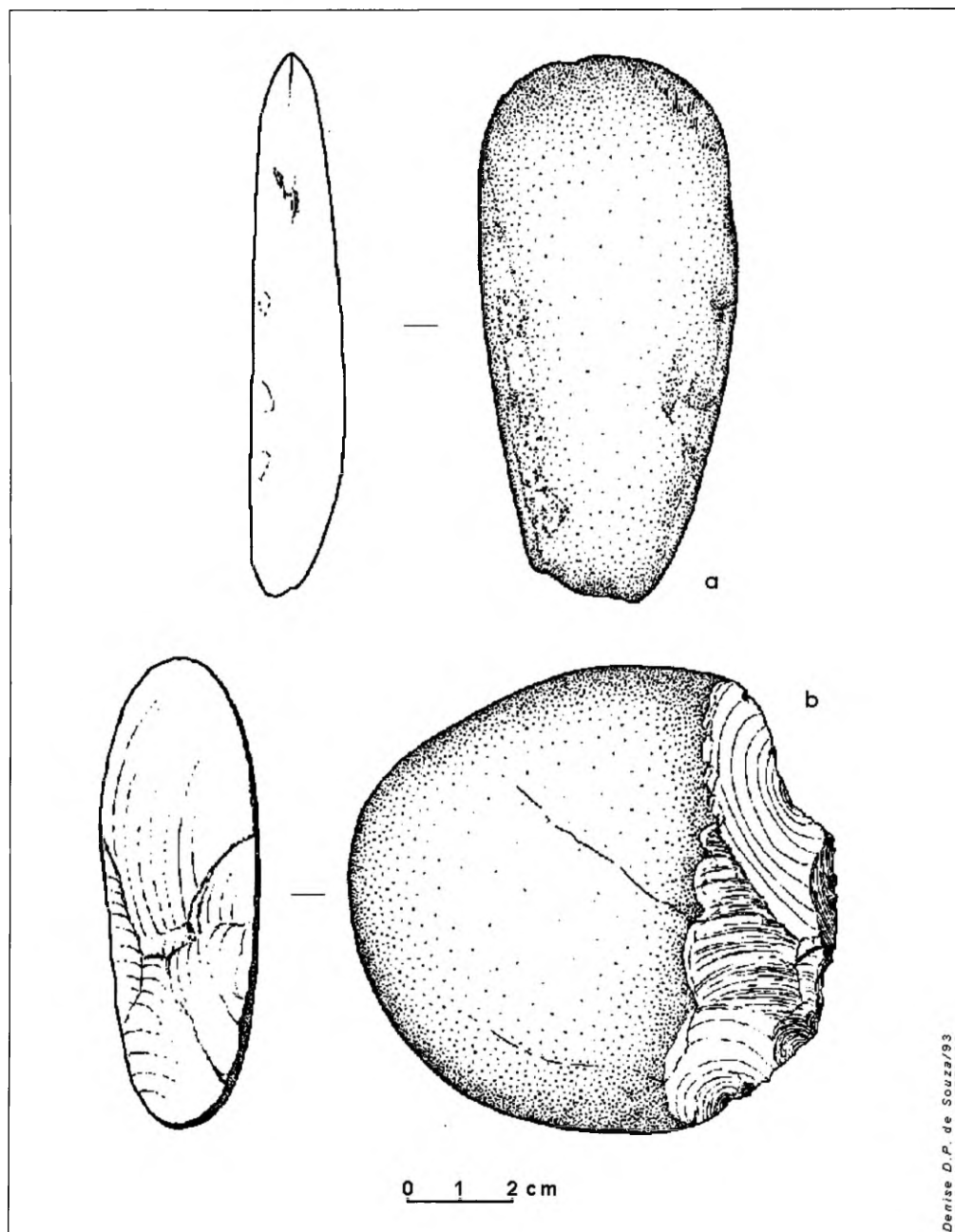


Fig. 4 – a) Lâmina de machado polida, em diabásio, sítio Pinheirinho; b) “Chopper” em seixo de quartzito, sítio Sapatu.

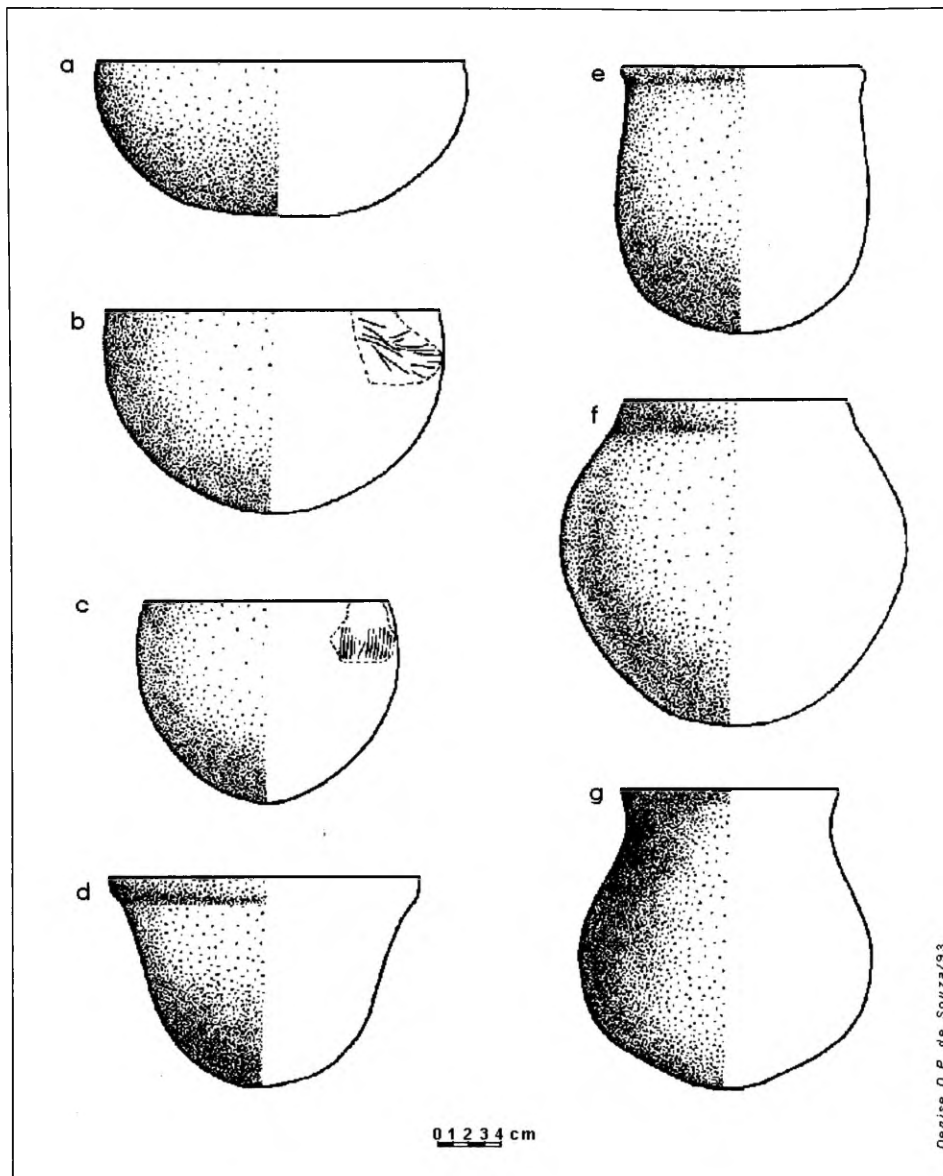


Fig. 5 – Formas reconstituídas de vasilhas cerâmicas.

que estes “sítios densos” fazem parte de um sistema de assentamento ao qual se articulam sítios menos densos, é de se supor que estejam também presentes em suas proximidades, obedecendo ao padrão que lhes foi definido (De Blasis 1996).

Sua indústria lítica pode ser perfeitamente relacionada à apresentada pelos demais sítios a mon-

tante. Trazem, entretanto, dois dados complementares. O primeiro deles é a presença, no sítio Iporanga, de instrumentos maiores e apropriados para um trabalho mais pesado, ausentes nos demais sítios do vale. É interessante que foram confeccionadas em calcário, que apesar de ser uma rocha não muito apta ao lascamento, é facilmente disponível

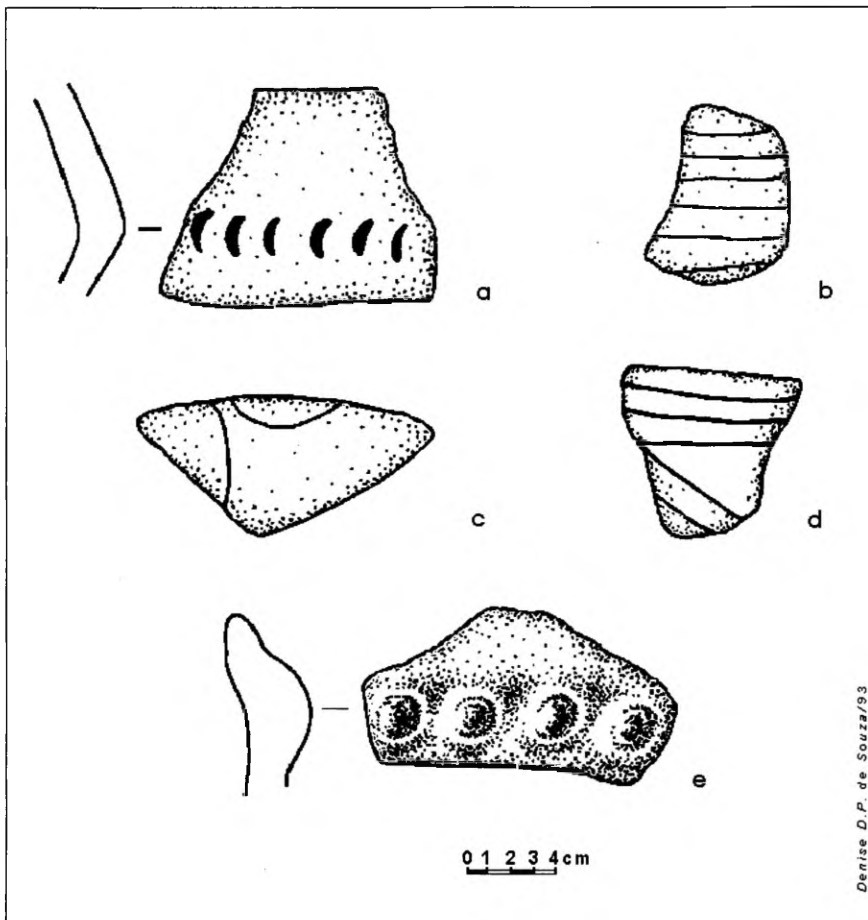


Fig. 6 – Fragmentos cerâmicos decorados.

na região. Provavelmente teriam reservado o sílex para artefatos que exigem maior rigor tecnológico, como as pontas projéteis, uma vez que constitui a matéria prima de melhor aptidão ao lascamento, além de estar disponível apenas em pontos específicos do vale.

O segundo dado complementar diz respeito à associação de material polido aos sítios líticos. Pesquisas anteriores haviam identificado peças polidas em apenas 2 sítios. A coleta de 4 peças em Iporanga vem fortalecer a discussão.

Quanto aos sítios cerâmicos, ao que tudo indica devem ocorrer aqui em densidade semelhante à observada no médio Ribeira. Parecem apresentar, entretanto, variações significativas em relação ao material associado.

Embora a cerâmica reúna, no geral, características que permitem relacioná-la aos demais sítios cerâmicos do médio/alto vale, a presença de peças com engobo vermelho, decoração plástica, antiplástico de caco moído e formas com ombros levantam novos problemas. Como a quantidade de fragmentos coletados nos sítios é reduzida, não é possível afirmar com segurança se estes novos elementos seriam resultado de algum tipo de contato com grupos Tupiguarani da costa (em cuja cerâmica os elementos acima citados ocorrem com frequência), ou se já se trata de uma indústria com interferências neo-brasileiras. Neste último caso, poder-se-ia confirmar uma ocupação ceramista extremamente tardia no vale, que teria entrado em contato com o colonizador eu-

ropeu, como aliás sugere De Blasis em seu trabalho mais recente (1996).

Esta área forneceu, ainda, um novo tipo de sítio relacionado à ocupação ceramista: o “sítio oficina” Pinheirinho, onde a quantidade e variedade de peças líticas lascadas atesta um desenvolvimento muito mais intenso desta atividade em relação aos demais sítios cerâmicos do vale. Além do mais, obteve-se ali uma coleção completa de material, permitindo evoluir este campo de estudo.

Com a identificação de sítios líticos e cerâmicos nesta área é possível estender o território de ocupação dos grupos que lhes são relacionados ao menos até o eixo Batatal/ Pedro Cubas. Ali, como vimos anteriormente, define-se um limite entre o ambiente físico do médio e do baixo Ribeira. A investigação da área mais a juzante permitiria verificar se estas evidências se estendem ainda pela baixada, definindo seus limites a leste.

Em contrapartida, duas classes de sítio não foram identificadas nesta área: os concheiros e os cerâmicos Tupiguarani.

Sítios concheiros estão presentes nas margens do Ribeira e cursos de seus afluentes por todo o

médio vale. A montante foram identificados vários deles nas margens do Ribeira e esperava-se encontrar alguns também aqui. Como apresentam estruturas e materiais associados facilmente reconhecíveis pelos moradores locais, estes sítios costumam ser bastante bem conhecidos e facilmente localizáveis. As condições de visibilidade e acesso da área talvez tenham prejudicado seu reconhecimento, embora seja quase certo que devam ocorrer em menor número que na porção a montante, considerando a hipótese de seus ocupantes preferirem terrenos de relevo mais serrano, garantindo certa proteção contra situações de pressão externa (Barros Barreto 1988).

Quanto aos sítios cerâmicos Tupiguarani, existem várias referências, tanto arqueológicas como históricas e etnográficas, da presença de aldeias Guarani por todo litoral paulista, incluindo Cananéia e Iguape (Scatamacchia 1981). Como se verificou nas investigações do médio vale, também nesta área seus sítios não foram identificados, sendo possível que ocorram, de fato, somente nas porções de relevo mais aberto da baixada, caracterizando-se como uma ocupação litorânea.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.; DE BLASIS, P. Archaeological research in the middle/lower valley of Ribeira de Iguape, São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 57-69, 1998.

ABSTRACT: Since 1981, the middle/upper Ribeira valley, which is located the extreme Southwest portion of São Paulo State, has been studied through systematic archaeological research. Surveys performed in a general area in the Middle valley and in specific areas in the Upper valley allowed for the identification of around 300 sites, which are related to at least three distinct pre-colonial occupations. All three occupations are associated to non-local cultural complexes, being the result of population movements either from the Atlantic shore or from the Southern Brazilian Plateau. The advance of the research is, thus, directly linked to an extra-regional focus, where the study of the borderlines with both the shore and the plateau shall present a great potential of revealing former patterns of cultural contact and territoriality. Given this, we have surveyed an area bordering the Coastal lowlands. From this survey, 13 sites were identified. The results of this work are presented in this article, together with an analysis of the data within the overall context of the pre-colonial occupation of the whole Ribeira valley.

UNITERMS: State of São Paulo – Ribeira de Iguape valley – Pre-colonial agriculturalists – Hunter-gatherers – Pottery – Lithics – Itararé Tradition – Umbu Tradition.

Referências bibliográficas

- BARROS BARRETO, C.N.G.
1988 *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.
- BARROS BARRETO, C.N.G.; DE BLASIS, P.A.; DIAS NETO, C.M.; KARMANN, I.; LINO, C.F.; ROBRAHN, E.M.
1982 Abismo Ponta de Flecha: um projeto arqueológico, paleontológico e geológico no médio curso do Ribeira de Iguape, São Paulo. *Revista de Pré-História*, 4: 195-215, IPH-USP.
- COLLET, G.C.
1985 Novas informações sobre os sambaquis fluviais do Estado de São Paulo. *Arquivos do Museu de História Natural*, 10, UFMG, Belo Horizonte.
1986 Descoberta de sítio arqueológico na caverna Ribeirãozinho III (SP-138). *Boletim Informativo da Soc. Bras. de Espeleologia*, set/out, ano II n.11, Belo Horizonte.
- COLLET, G.C.; LOEBL, E.
1988 Informações sobre os sambaquis fluviais do Estado de São Paulo. *Anuário do Staden* (Estudos Brasileiros) 36, São Paulo, Fundação Martius, Instituto Hans Staden: 228-239.
- COLLET, G.C.; PROUS, A.
1977 Primeiro informe sobre os sambaquis fluviais de Itaoca (São Paulo). *Arquivos do Museu de História Natural II*, UFMG, Belo Horizonte.
- DE BLASIS, P.A.
1988 *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios líticos do médio curso*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, São Paulo.
- 1994 Algumas considerações sobre os sambaquis fluviais do médio Ribeira, SP. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 4, São Paulo: 218-219.
- 1996 *Bairro da Serra em três tempos: estudo arqueológico de uma comunidade rural*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.
- KRONE, R.
1914 Informações etnográficas do vale do rio Ribeira de Iguape. *Exploração do rio Ribeira de Iguape*. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 2ª edição, São Paulo, Typ. Brazil de Rothschild & Co.
1950 As grutas calcárias do vale do Ribeira de Iguape. *Rev. do Inst. Hist., Geogr. e Geológico VIII*, n. 3, São Paulo.
- KRUG, E.
1908 *A Ribeira de Iguape*. Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. São Paulo, Typ. Brazil de Rothschild & Co: 248-287.
- ROBRAHN, E.M.
1989 *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.
- ROBRAHN GONZÁLEZ, E.M.
1997 Diversidade cultural entre os grupos ceramistas do sul-sudeste brasileiro: o caso do vale do Ribeira de Iguape. M.C.Tenório (Ed.) *Pré-História de Terra brasílis*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ (no prelo).
- SCATAMACCHIA, M.C.M.
1981 *Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.

Recebido para publicação em 5 de agosto de 1997.